

Artigos

Nas ruas de Goiânia



Emiliano Lobo de Godoi

Professor da Escola de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Um recente e necessário movimento tem tomado as ruas de Goiânia. Retirar árvores, reduzir canteiros, cortar praças não são mais apenas temas e decisões restritas a burocratas acostumados ao ar condicionado. A população começou a compreender que, quando uma árvore cai, não desaparece apenas um elemento da paisagem. Perdemos sombra, umidade, abrigo para a fauna, capacidade de infiltração da água e, muitas vezes, um pedaço da nossa própria história.

Nos últimos meses, diferentes intervenções despertaram essa reação. O anúncio da retirada de dezenas de árvores do Lago das Rosas mobilizou moradores, especialistas e instituições e chegou ao Judiciário. Na Praça Ciro Lisita, no Setor Coimbra, a reconfiguração viária da Avenida Castelo Branco exigiu a retirada de árvores de grande porte, posteriormente transplantadas.

Mais recentemente, moradores se mobilizaram em defesa das antigas gameleiras da Praça da Cirrose. Situações distintas, mas que trazem uma pergunta comum: que lugar estamos reservando para o verde na Goiânia do futuro?

É importante reconhecer que nem toda retirada de árvore é ambientalmente inadequada. Exemplos mortos, doentes ou que representem riscos podem e devem ser removidos. Obras necessárias à cidade também podem exigir intervenções. O problema começa quando a árvore é vista primeiro como obstáculo e somente depois como patrimônio.

Árvores não são mobiliários urbanos que se retiram de um lugar e se repõe em outro. Uma muda recém-plantada é necessária, mas não substitui imediatamente uma árvore que levou 30, 40 ou 50 anos para crescer. Há uma enorme diferença entre plantar árvores e possuir uma cidade arborizada. Serviços ambientais acumulados durante décadas não cabem numa simples conta de compensação.

Em uma cidade marcada por meses de calor intenso e baixa umidade, cada copa importa. As árvores reduzem a temperatura, proporcionam sombra, retêm partículas, amenizam ruídos e ajudam a água da chuva a infiltrar no solo. Praças, parques e canteiros também funcionam como pequenos refúgios de biodiversidade e corredores para a fauna urbana. Retirar o verde e substituir por concreto é reduzir a infiltração de água, aumentar as enchentes e produzir mais calor.



tes e produzir mais calor.

Além disso, árvores guardam memória. Sob elas acontecem encontros, brincadeiras, caminhadas, conversas e despedidas. Quantas pessoas reconhecem uma rua não pelo nome da placa, mas pela árvore que sempre esteve naquela esquina?

Goiânia cresceu identificada com suas praças, parques e ruas arborizadas. Não deveríamos aceitar que o crescimento urbano transforme justamente essa qualidade em obstáculo à modernização. Desenvolvimento não pode significar escolher entre mobilidade e árvores, entre obras e praças, entre cidade e natureza. Planejar é encontrar alternativas antes que a motosserra seja considerada a solução mais simples.

A reação dos goianienses merece ser celebrada e aplaudida. Precisamos lembrar Rubem Alves que escreveu: "Todo jardim começa com uma história de amor". Que o amor por Goiânia comece, também, pela coragem de se preservar as árvores que ainda temos.